



A formação do profissional de cinema e audiovisual fora do eixo: a experiência da UEG¹

José Eduardo Ribeiro Macedo²
Universidade Estadual de Goiás

Resumo: Nesse breve relato, vamos discorrer sobre a importância da Universidade Estadual de Goiás (UEG) para o mercado audiovisual goiano. A instituição é responsável pela formação e qualificação profissional no estado com egressos assumindo importantes cargos em empresas, nos órgãos de cultura, em produtoras locais e também sendo contemplados em editais de fomento da área no estado e nacionalmente.

Palavras-chave: Cinema e audiovisual; Cinema goiano; Mercado audiovisual.

Resumo expandido

Devo começar pontuando que é bastante importante que a palestra de abertura da VII Semana de Cinema e Audiovisual da UEG, cujo foco é “O fazer cinematográfico”, se debruce sobre a formação dos futuros profissionais – e principalmente, nesse espaço que está sendo chamado aqui de “fora do eixo”.

É também bastante simbólico que a composição dessa mesa cubra as três regiões que costumam ficar fora do que se convencionou chamar no país de “eixo de produção”: Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Essas três regiões, segundo dados de pesquisas, correspondem por 28% dos cursos de Cinema e Audiovisual no país (18% NORDESTE; 7% CENTRO OESTE e 3% NORTE). Esse resultado é menor que a soma das regiões Sudeste e Sul (72%, com SUDESTE tendo 59% e SUL 13%), e é também menor que a porcentagem dos cursos oferecidos no estado de São Paulo isoladamente.

Aqui na UEG nós passamos há alguns anos por algumas mudanças importantes tanto do ponto de vista da área de concentração, quanto da matriz curricular. Saímos da área de Comunicação – cuja a principal influência era a dos antigos cursos de Rádio e Televisão, que ao longo da primeira década dos anos 2000 foram se transformando em cursos de Audiovisual e/ou Cinema. Aqui na UEG essa mudança veio acompanhada da reformulação da matriz curricular do curso, pensada para o equilíbrio entre formação teórica, prática e crítica, levando em consideração a multiplicidade de atividades da área.

¹ Trabalho apresentado na mesa de abertura da VII Semana do Cinema e Audiovisual da UEG. Goiânia, UEG-Campus Laranjeiras, setembro, 2018.

² Docente e coordenador do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da UEG. Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente é doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: jedumac.ueg@gmail.com



O que me leva a outra questão que também é muito importante para entender esse “fora do eixo”. Se por um lado se trata da produção de conteúdo em locais que vivem principalmente de editais – mas não apenas, e é bom lembrar, por exemplo, que Goiânia é a meca da produção de conteúdo audiovisual na área de música sertaneja, um mercado que cresce e sempre busca profissionais com qualificação -, esse “não lugar” precisa ser entendido também do ponto de vista humano.

O “fora do eixo” é também sobre pensar outros olhares sobre histórias não ditas, sobre pessoas não vistas e lugares não conhecidos. É sobre discursos que passam ao largo da produção que é produzida e alcança os grandes centros urbanos. É sobre falar de si e a partir de si. E eu penso que essa é talvez a principal contribuição que esse “não-lugar” permite.

Somos nós também quem vamos formar profissionais para atuarem nesse “eixo” mas com um olhar mais sensível e abrangente em substituição às narrativas que são contadas. Basta lembrar que a Globo, nas últimas edições de “Mister Brau” contava com uma equipe criativa de pessoas negras e vindas da periferia do Rio de Janeiro.

Pensando ainda essa questão de construir novas narrativas, gostaria de citar dois exemplos, dois curtas de dois jovens realizadores goianos: *Viúva Negra*, de Vanessa Goveia e *A Piscina de Caíque*, de Raphael Gustavo, que foram selecionados no edital "Curta afirmativo 2014: protagonismo de cineastas afro-brasileiros na produção audiovisual" que selecionou 21 propostas de curtas-metragens de vários estados brasileiros. Outro aspecto em comum entre Vanessa e Raphael é a formação no curso de Cinema e Audiovisual da UEG. Ela como egressa da graduação e ele da pós-graduação em Cinema e Audiovisual: Linguagens e Processos de Realização. O lançamento desses dois curtas foi realizado em maio de 2017, na mostra *Filmes de Preto*, que contou ainda com o curta *A Câmera de João*, de Thoti Cardoso, também egresso do curso de Cinema e Audiovisual da UEG.

Entre as muitas leituras possíveis que esses exemplos suscitam está a de que esse não lugar é também um lugar “de dentro” e que precisa ser urgentemente ocupado, e que requer esforço para que não se torne uma armadilha para quem produz. Pensar esse “fora do eixo” é pensar também, de qual ponto de vista eu escolho contar uma história.



Sendo assim eu vou a questão: quem estamos formando e para o que estamos formando? Em minha análise penso que desse ponto em que nos encontramos, que é o “fora do eixo”, devemos dar conta de formar profissionais que desempenhem com qualidade as atividades técnicas que o campo exige, mas principalmente, devemos oferecer um tipo de formação que leve nossos estudantes a irem além do que está colocado, que os levem a irem além dos discursos mitigados e dos lugares comuns.

Dito todas essas coisas, finalizo minha fala apontando para alguns desafios, que são nossos (curso de cinema e audiovisual), mas penso que são gerais também.

Como propiciar uma formação que possibilite aos nossos alunos terem uma maior noção do modo de produzir do audiovisual e suas áreas de especialização? Como fazer com que o aluno/a tenha maior conhecimento prático? Como propiciar uma formação, a partir de um curso que tenho maior aproximação com o mercado – através de mostras/ estágio/ produção de conteúdo audiovisual/ projetos/ empresa júnior – fazendo com que o aluno possa transpor a barreira das disciplinas teóricas para a dinâmica do cotidiano mercadológico?

Talvez possamos fazer uma auto reflexão, com relação aos conteúdos oferecidos aos alunos. Nosso curso atente de forma muito interessante as diretrizes curriculares nacionais dos cursos de cinema e audiovisual (resolução nº 10/2006, MEC), abordando os eixos como realização e produção; teoria, análise, história e crítica; linguagens; economia e política; artes e humanidades. Porém alguns desses eixos ocupam pouco espaço na matriz, como economia e política. E penso que devemos ter mais conteúdo/discussão disso, por que significa também pensar as estratégias de distribuição. Fico por aqui em tom de provocação, para que possamos pensar sobre algumas dessas questões. E peço a ajuda dos meus colegas para essa reflexão.

Referências Bibliográficas:

RIBEIRO, Danielle Christine Leite *et al.* **Mercado audiovisual e formação profissional: o perfil dos cursos superiores em cinema e audiovisual no Brasil.** In: Publicações Gerais. Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual. 2016. Disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/0B2VdD2xVtzlxcEFJTkJGQ1JSbmM/view>. Acesso em 16 de agosto 2018.



VII SAU - SEMANA DE CINEMA
E AUDIOVISUAL DA UEG

Luz, câmera, ação:
Os bastidores do fazer cinematográfico
v.5 n.1(2018): Anais da VII SAU UEG

Mapa dos cursos de Cinema no Brasil. **Publicações Gerais.** Fórum Brasileiro de Ensino de Cinema e Audiovisual. 2011. Disponível em: <http://forcine.org.br/site/wp-content/uploads/2012/05/FORCINE-final322.pdf>. Acesso em 16 de agosto 2018.